

2ª PARTE

ESTUDOS

LUPE E BEATRIZ

Batista de Lima

O livro *Lupe: Poesia e Paixão*, de Beatriz Alcântara, é uma análise da obra de Lupe Cotrim Garoude, sob o ponto de vista da imanência e da transcendência. Como respaldo para sua fundamentação teórica, a autora vai tomar como fonte primeira, as teorias platônicas para explicar que além do ser há outro ser, que há um sol instalado em cada coisa, que na relação paradigma e sintagma instala-se uma ambiguidade. Tudo isso levando a uma conclusão de que na luta do mundo transcendente com a transitoriedade do ser só a poesia pode mitigar as dores do existir.

Logo de início a autora adverte para o perigo do excesso das intertextualidades, citando como exemplo o caso *Ulisses*, do James Joyce. Essa preocupação inicial está muito mais voltada para a constante utilização desse recurso por Lupe. Depois ela se refere à utilização das epígrafes e então vem a preocupação do leitor em torno da possibilidade desse recurso eclipsar a própria criação do autor. Acontece que o leitor prefere verificar o conflito que permeia o mundo que transcende diante das transitoriedades que circundam o existir. Por isso que, inicialmente, atentamos mais para os recursos metalinguísticos no momento da criação literária. Afinal, o código linguístico se amplia muito mais diante das ousadias dos poetas.

São muitas as dicotomias com que Lupe trabalha e que Beatriz detecta. Uma delas é o binário amor e morte. Como a poesia se alimenta também desse conjunto, delineia-se que a inspiração que trabalha com o inesperado é fundamento importante na criação poética. A partir daí a ensaísta detecta influências temáticas da autora estudada oriundas da poética de autores que cultivaram a

morte nas suas criações e nos seus desfechos vitais. Aí aparecem Antero de Quental, Baudelaire e Lautréamont. É entretanto o poeta português, suicida, na sua fase deprimida quem mais influenciou a poetisa estudada.

Essa linha de feição simbolista utilizada em certos momentos por Lupe foi detectada pela ensaísta como a influência dos simbolistas franceses não como intertextualidade, mas consequência do momento em que o Nirvana tingia de fluidos existenciais os poetas da época que marcavam suas leituras. Os poetas visionários franceses e os teóricos alemães eram do conhecimento de Lupe. Não se descarta também os respingos da mística de Murilo Mendes, levando-o a vislumbrar pela concha das palavras, cardumes de gestos nadando enquanto o verbo se debruçava sobre o insensato senso. Lupe chegava a sentir os humores da água através dessas palavras em suas conchas, conteúdo e continente.

O que impressiona em Lupe é o seu lirismo. Fruto de refinada sensibilidade, ela centra sua poética em primeira pessoa, sendo possível à ensaísta detectar a culminância da criação dessa poetisa. Da mesma forma pode-se vislumbrar no seu Bestiário a sensibilidade que detecta a lascívia do gato estendido. Nessa relação com os animais domésticos há ainda a relação afetiva com o cão, com o peixinho vermelho do aquário e com a arara transformada em versos. Para ir mais além, ainda há referências poéticas à gaivota, ao pavão, à aranha, à formiga, ao cavalo, ao macaquinho e à borboleta.

Outra vertente por onde adentrar o universo poético de Lupe, segundo Beatriz, responde pela claridade. O que desponta de cada coisa é um sol anterior e interior. É uma claridade que a torna real, intelectual, que a constante noite da subjetividade não conseguiu obscurecer. As coisas são contornadas por uma claridade límpida.

Daí que a transitoriedade humana transparece como se Lupe fosse aquinhoadada por vários olhos, verdadeiras janelas da alma. Seus mistérios vêm à tona como reais manifestações na mesma cadência de outros poetas do seu tempo como João Cabral, Drummond e até Jorge de Lima.

Uma outra característica que a ensaísta detectou na poesia de Lupe Cotrim foi a clareza poética de natureza intelectual. Ela sempre esteve mais próxima da racionalidade dos grandes filósofos gregos do que dos poetas do seu tempo, com suas metáforas às vezes até abusivas. A subjetividade do seu dizer está muito mais na areia como alma da pedra do que no escuro que a pedreira projeta. Por isso que a transcendência se coloca no eixo paradigmático e a imanência no eixo sintagmático. É exatamente nos sintagmas em que se alojam as palavras chave de suas poesias.

Finalmente Beatriz concluiu que para entender a poesia de Lupe tem de vê-la pela dicotomia imanência e transcendência. Depois atentar para a relação entre sintagma e paradigma, representativos de forma e conteúdo, atentando principalmente para o entrechoque de suas vertentes. Mas, o principal de todo o texto é a forma como Beatriz Alcântara resgatou de um certo ostracismo a grandiosidade poética de Lupe Cotrim. A ensaísta terminou relevando dimensões da poesia de Lupe que o leitor comum dificilmente teria detectado. Daí que o ensaio saiu condizente com o título da obra ao desvendar Poesia e Paixão de Lupe.